

Universidade do Minho

Felisbela Lopes: “O meu interesse inicial não foi pelas Ciências da Comunicação”

Natural de Braga, licenciada em Português - Francês na academia Minhota. Colaboradora na RTP, JN/DN e Correio do Minho. Ex Pró-Reitora da universidade em que se licenciou.

Professora Associada com Agregação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, integrante da equipa fundadora do Público e comentadora da RTP. Felisbela Lopes afirma que “nunca quis ser professora e também nunca quis ser jornalista”.

Chegar onde chegou foi “um bocadinho por acaso”, confessa a professora universitária. Com apenas 17 anos, no Verão anterior à entrada na universidade, ingressa na Rádio Universitária do Minho (RUM) na tentativa de conseguir dinheiro para pagar os estudos. Entretanto, é desafiada a trabalhar no Público “sem qualquer experiência na escrita”, facto que nunca escondeu. “Acumulei sempre um trabalho a tempo inteiro com o curso de Português – Francês, sendo que nunca adotei o estatuto de estudante-trabalhador, e fiz a licenciatura assim”, adianta.

Atualmente, aos 47 anos, tem um espaço de comentário na RTP, no programa “Bom dia”, onde faz revista de imprensa há mais de 10 anos. Com experiência nos três principais meios de comunicação - rádio, televisão e imprensa - assinala a televisão como o meio que hoje tem mais impacto junto dos cidadãos. A prova disto é o facto de ainda receber cartas anónimas sobre a sua prestação, numa época privilegiada pelas tecnologias.

A redação do Público, a que pertencia, foi das primeiras a apostar na informática e Felisbela Lopes admite que antes disso “nunca tinha visto um computador”. O nível de exigência esperado no seu trabalho facilitou os estudos, “ficava muito para lá dos meus colegas porque na redação ficava aquém”, aponta a atual professora. Termina a licenciatura com a média mais elevada do grupo e um currículo inigualável. Ganha um concurso público para as Ciências da Comunicação e acaba por fazer um mestrado e doutoramento com agregação à informação televisiva.

A autora de cinco livros aborda temas como estudos jornalísticos e estudos televisivos (programação, informação, fontes de informação, comunicação na saúde, políticas da comunicação). Na obra “Jornalista, Profissão Ameaçada” da Alêtheia Editores, questiona 100 jornalistas portugueses sobre os sintomas de crise na profissão. Conclui que existem diversas

ameaças, uma delas “fontes hegemónicas que querem tomar de assalto o espaço mediático”. Hoje pensa no jornalismo como uma atividade muito difícil onde, segundo a autora, “cada vez mais a informação é fabricada”.

“Andamos a construir informação assente em mentiras”, frisa a doutorada em Ciências da Comunicação. Exemplifica com o caso de Tancos, uma encenação para a devolução do armamento roubado. “Percebemos agora que o discurso noticioso passou ao lado do essencial daquilo que se passou. Adicionalmente os media terão ainda sido manipulados pela PJM para criar uma narrativa sobre uma descoberta de armamento que foi antecipadamente preparada por quem a anunciou”, escreve a comentadora no Jornal de Notícias.

Abraçou recentemente um novo projeto na RTP, n’“A Praça”, onde comenta e analisa temas da atualidade. Simultaneamente, é colaboradora do Jornal de Notícias/ Diário de Notícias e Correio do Minho. A adicionar aos livros já publicados, escreve, neste momento, um novo sobre Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.

Nunca pensou ser professora ou seguir a área de Ciências da Comunicação e revela: “eu queria ser advogada”. Aquilo que conquistou diz ter sido “por acaso, devido a agarrar oportunidades”. Acrescenta que é muito difícil integrar equipas do Porto e de Lisboa sendo de Braga, mas que é “melhor professora por ter um pé nas redações”. Quando questionada sobre projetos futuros assegura que ainda não fez tudo e o melhor “é o que está para vir”.

Ana Patrícia de Sousa Silva

Bruna Almeida de Sousa

Catarina de Jesus Caramalho Gonçalves

Cátia Sofia Gonçalves Barros

Mariana Franco Oliveira

Paula Beatriz Valença de Lemos

